

A força do *habitus*: perspectivas conflitantes entre Norbert Elias e Pierre Bourdieu

*The force of habitus: conflicting perspectives
between Norbert Elias and Pierre Bourdieu*

*La fuerza del habitus: perspectivas opuestas
entre Norbert Elias y Pierre Bourdieu*

Alliston Santos¹

Resumo

SANTOS, A. A força do habitus: perspectivas conflitantes entre Norbert Elias e Pierre Bourdieu. *Rev. Ci & Trópico*, v. 47, n. 1, p. 69-84, 2023. DOI: [https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1\(2023\)art4](https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art4)

O comportamento humano é um dos objetos de estudo mais interessantes e enigmáticos de diversas áreas do conhecimento. Na Sociologia, não poderia ser diferente. Neste sentido, este artigo visa a compreender um conceito sociológico intitulado *Habitus*, sob a ótica de dois importantes autores: Norbert Elias e Pierre Bourdieu. A discussão foi feita com base em uma apresentação introdutória sobre os dois sociólogos. Em seguida, realizamos uma análise sobre o conceito de *Habitus* a fim de enfatizar as principais perspectivas conflitantes sobre ele, perante a visão dos dois autores estudados. Logo, o presente estudo se alicerça em um método qualitativo, sendo realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica que reúne não somente obras dos dois sociólogos aqui analisados, mas também de um acervo de outras que abordam os autores trabalhados.

Palavras-chave: *Habitus*. Norbert Elias. Pierre Bourdieu. Sociologia.

Abstract

SANTOS, A. The force of habitus: conflicting perspectives between Norbert Elias and Pierre Bourdieu. *Rev. Ci & Trópico*, v. 47, n. 1, p. 69-84, 2023. DOI: [https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1\(2023\)art4](https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art4)

Human behavior is one of the most interesting and enigmatic objects of study in many areas of knowledge. In Sociology, it couldn't be different. In this sense, this article aims to understand a sociological concept called Habitus, from the point of view of two important authors: Norbert Elias and Pierre Bourdieu. The discussion was made based on an introductory presentation about the two sociologists. Next, we conducted an analysis of the concept of Habitus in order to emphasize the main conflicting perspectives about it, from the point of view of the two authors studied. Therefore, the present

1 Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: alliston.fe@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-2258-2880>

study is based on a qualitative method, being carried out through a bibliographical research that gathers not only works by the two sociologists analyzed here, but also a collection of others that approach the authors studied.

Keywords: Habitus. Norbert Elias. Pierre Bourdieu. Sociology.

Resumen

SANTOS, A. La fuerza del habitus: perspectivas opuestas entre Norbert Elias y Pierre Bourdieu. *Rev. C&Trópico*, v. 47, n. 1, p. 69-84, 2023. DOI: [https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1\(2023\)art4](https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art4)

El comportamiento humano es uno de los objetos de estudio más interesantes y enigmáticos en diversos campos del saber. En Sociología, no podría ser diferente. En este sentido, este artículo pretende comprender un concepto sociológico llamado Habitus, desde la perspectiva de dos importantes autores: Norbert Elias y Pierre Bourdieu. La discusión se hizo a partir de una presentación introductoria sobre los dos sociólogos. A continuación, realizamos un análisis del concepto de Habitus con el fin de destacar las principales perspectivas conflictivas sobre el mismo, desde el punto de vista de los dos autores estudiados. Por lo tanto, el presente estudio se basa en un método cualitativo, realizándose a través de una investigación bibliográfica que recoge no sólo obras de los dos sociólogos aquí analizados, sino también una colección de otras que se aproximan a los autores.

Palabras clave: Habitus. Norbert Elias. Pierre Bourdieu. Sociología.

Data de submissão: 24/03/2023

Data de aceite: 26/06/2023

1. Introdução

Norbert Elias e Pierre Bourdieu são dois estudiosos de contribuições significativas no ramo da sociologia. São autores que se tornaram clássicos da teoria social contemporânea, trazendo, sobretudo, relevantes perspectivas quanto ao comportamento humano e agentes sociais. É válido dizer que tanto Elias quanto Bourdieu são filósofos por formação e que, posteriormente, migraram para a sociologia.

Segundo Silva e Cerri (2013), ambos atribuíram à guinada da filosofia para a sociologia por circunstâncias de caráter pessoal – o horror da guerra e a repulsa pela forma como a filosofia era praticada, longe das realidades sociais. Elias, de família judia abastada, serviu a Alemanha na Primeira Guerra. Sua mãe morreu no campo de Auschwitz. Bourdieu, de família humilde, notório desportista, se valeu desta peculiaridade para galgar os degraus escolares. Serviu a França na Guerra da Argélia.

Por caminhos diversos, e formulando conceitos parecidos, mas com alguma diferença, ambos se tornaram dois dos intelectuais mais influentes do século XX.

Assim como em diversas áreas, a Sociologia traz correntes, teorias e conceitos convergentes e divergentes sob a ótica de diversos autores e autoras em diferentes espaços temporais. Pode-se dizer que durante toda a história da sociologia, esta ciência foi marcada por dualidades ou polaridades teóricas, em que dois ou mais autores discutem a mesma temática, mas sob perspectivas diferentes. “Os cientistas em geral, mas principalmente os referentes às humanidades e ciências sociais, tendem a interpretar o mundo a partir de seu arcabouço teórico” (ALTMANN, 2005).

Em consonância ao argumento de Altmann (2006), Cesarino (2012) destaca que durante o século XIX e todo o século passado, conceitos e dualidades se destacaram na produção científica sociológica abrangendo não apenas a sociologia, mas as ciências sociais de modo geral. “Podendo citar, assim, os debates acerca do estruturalismo e pós-estruturalismo, ainda os debates acerca da relação entre o indivíduo e a sociedade ou entre as estruturas sociais” (CESARINO, 2012). A ideia de *Habitus*, conceito a ser analisado neste presente estudo, de certa forma, esteve presente em todos esses debates.

Sabemos que Norbert Elias e Pierre Bourdieu pertencem a etapas e escolas diferentes do pensamento sociológico, porém, não podemos negar a existência de continuidades e conexões entre a teoria dos autores, assim como conflitos conceituais e distinções próprias das escolhas feitas por cada um.

Neste sentido, este artigo visa a compreender uma teoria sociológica intitulada *Habitus*, sob a ótica de dois importantes autores: Norbert Elias e Pierre Bourdieu. A discussão foi feita com base em uma apresentação introdutória sobre os dois sociólogos. Em seguida, a uma análise sobre o conceito de *Habitus* e discussões a fim de enfatizar os conflitos sobre o mesmo conceito perante a visão dos dois autores estudados. Logo, o estudo se alicerça em um método qualitativo, sendo realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica que reúne não somente obras dos dois sociólogos aqui analisados, mas também de um acervo de artigos científicos que abordam os autores trabalhados.

A inserção desta estrutura argumentativa é necessária para que façamos uma breve exposição de tais perspectivas sociológicas e os instrumentos conceituais utilizados pelos autores em suas obras, para que posteriormente possamos apontar onde se estabelecem os diálogos e os conflitos entre esta teoria.

2. A sociologia de Norbert Elias

Norbert Elias (1887-1990) foi um intelectual com uma vida muito curiosa, alemão, mas de origem judaica foi perseguido pelo nazismo. Antes da Sociologia, estudou Filosofia e Medicina. “A obra mais reconhecida da carreira de Norbert Elias é *O Processo Civilizador*, publicada pela primeira vez em 1939. Elias, no entanto, apenas se tornou reconhecido em patamar mundial quase quatro décadas depois” (LANDINI, 2006).

Conforme Brandão (2003, p. 20-21), Norbert Elias não foi agraciado com reconhecimento no início de sua vida acadêmica. Nasceu em Breslau, parte do território

germânico, hoje chamada de Wrocraw (Polônia), no ano de 1897. Originário de uma família de comerciantes judeus, terminou a escola secundária em 1915 e se alistou no exército alemão na Primeira Guerra Mundial, servindo nos *fronts* leste e oeste e em serviços telegráficos. Em 1917, volta a Breslau e conclui o serviço militar, já estudante de medicina, auxiliando nos serviços de enfermagem.

Entre 1917 e 1919, Bourdieu matricula-se nos cursos de filosofia e medicina, optando depois por abandonar a medicina. Em 1924, defendeu sua tese, que havia terminado em 1922, conseguindo o título de doutor em filosofia. A situação econômica desse período, de inflação, arruinou a família de Elias, como também a de outros burgueses alemães. Viu-se obrigado a sustentar seus pais trabalhando em uma fábrica de produtos metálicos. “A experiência dessa época, somada à vivência da guerra, influenciou sua determinação de migrar dos estudos de filosofia para a sociologia” (BRANDÃO, 2003. p. 26; 33).

Elias vem sendo reconhecido tardiamente como um dos grandes contribuidores para se pensar a sociologia do final do século XX. Foi com sua teoria dos processos civilizadores que o sociólogo alemão, radicado pelas circunstâncias na Inglaterra, conseguiu galgar um lugar nos espaços acadêmicos e, conseqüentemente, nas discussões a respeito da teoria social.

Na obra *O Processo Civilizador* (1994), o autor investiga a ontologia das palavras civilização e cultura, demonstrando como através do imperialismo europeu o modelo de vida deste continente passou a ser imposto. Esta imposição ocorre sobre o próprio *habitus* dos indivíduos. O autor traz novamente à tona a investigação do surgimento do *habitus* comum aos indivíduos da sociedade moderna contemporânea, como o *habitus* das cortes europeias influenciaram os indivíduos subalternos nas obras *A Sociedade de Corte* (2001) e *A Sociedade dos Indivíduos* (1994).

Inerente à proposta de Processo Civilizador, Elias traz o conceito de processo social, referindo-se “às transformações amplas, contínuas, de longa duração” (ELIAS, 2006, p. 29), antagonizando-se, então, do processo biológico que caracteriza-se como permanente e impossibilitado de rompimentos e reconfigurações. Diante dessa perspectiva, Elias é acusado erroneamente de carregar no núcleo de sua teoria uma dimensão evolucionista, uma vez que alguns interpretaram seu conceito de civilização dotado de uma perspectiva determinista.

Para Elias, a própria ideia de civilização não abarca apenas uma dimensão puramente de progresso, mas sim um conjunto de valores que obedece a um determinado momento histórico em que uma classe tenta diferenciar-se de outra na luta por hegemonia, neste caso é o antagonismo entre a nobreza e a burguesia, em que existem novas figurações nas balanças de poder. Elias atribui importância à sociedade de corte pelo motivo de acreditar ter sido no seio dela que foi gestado o refinamento que depois se estendeu pelo restante da sociedade francesa. As sociedades cortesãs serviram de laboratório em que foram gestados e controlados os comportamentos necessários ao atual patamar de desenvolvimento da civilização do Ocidente.

Em consonância ao exposto acima, o que interessa a Norbert Elias é entender o processo civilizador como uma forma de ver, sentir e agir, que é constituída por uma classe tentando firmar-se nos jogos políticos e sociais do período em que se formou,

tornando-se, assim, o modelo de socialização – ou nas palavras do próprio autor – a autoimagem do Ocidente, e como dentro desses jogos de interiorização das pulsões e da cada vez maior autorregulação individual se deu a construção de novas formas de coação, isto é, as novas configurações nas balanças de poder.

Diante das perspectivas do comportamento humano e desse processo social e civilizador, Elias traz conceitos bastante eficazes para tratar sobre as relações sociais e de que forma os indivíduos se moldam por meio de *habitus*. Prova disso, para o estudo conceitual de Elias, é imprescindível conhecer seu ponto de partida teórico, o conceito de figuração ou configuração social. De acordo com Areais e Marques, (2012), Elias defende que a sociedade se forma a partir de relações sociais formadas entre o “eu”, “tu”, “nós”, “eles” etc. ou seja, é composta por indivíduos interdependentes, diferentes, mas que se tornam iguais por depender uns dos outros.

A figuração ou configuração, termo utilizado por Elias para explicar o processo civilizador, refere-se, então, a uma coletividade humana não estática e estagnada, mas em constante inter-relação. Isso é justamente o que torna o *homo sapiens* humano, o contato com outros de sua espécie; cada indivíduo interconectado numa rede de relações com determinações recíprocas, independentemente de sua posição na figuração. Essa interação forma as concepções de “eu e nós”, de individualidade e coletividade.

Perante essas teias de interdependência na figuração social, o *habitus* surge como uma forma de moldar os indivíduos. Esse *habitus*, segundo Elias (1994), faz parte da composição social dos indivíduos, que constitui o solo de que brotam as características pessoais mediante as quais um indivíduo difere dos outros membros de sua sociedade. Dessa maneira, alguma coisa brota da linguagem comum que o indivíduo compartilha com outros e que é, certamente, um componente do *habitus* social.

[...] habitus social comum dos indivíduos que formam entre si uma determinada unidade de subsistência, por exemplo uma tribo ou Estado. Eles são herdeiros não só de uma linguagem específica, mas também de um modelo específico de civilização e, portanto, de formas específicas de auto-regulação, que eles absorvem mediante o aprendizado de uma linguagem comum e nas quais, então, se encontram: no caráter do habitus social da sensibilidade e do comportamento dos membros de uma tribo ou de um estado nacional (ELIAS, 2006, p. 23).

Em suma, corroboramos o argumento exposto por Koury (2013), ao afirmar que para Norbert Elias, o indivíduo se apresenta como uma síntese complexa de seu contexto sócio histórico, dotado, portanto, de uma figuração social exterior a ele e uma interioridade. Dessa forma, o *habitus*, a partir da sociologia configuracional de Elias, é visto como um espaço de interações e de redes intercomunicantes, onde as relações entre os indivíduos ocorrem sempre de maneira interdependente e as identidades dos indivíduos se tornam pessoais e sociais. Esse fator será mais aprofundado ao compararmos o mesmo conceito de *habitus* proposto por ele em contraponto ao de Pierre Bourdieu, o qual apresentaremos introdutoriamente a seguir.

3. A sociologia de Pierre Bourdieu

Pierre Bourdieu nasceu em 1930, no sudoeste da França, em Béarn. Era filho de um funcionário dos correios. Sua escola fundamental foi realizada com filhos de camponeses, operários e pequenos comerciantes. Coursou o Ensino Médio em uma cidade vizinha, Pau, onde se destacou nos estudos e ganhou fama como jogador de rúgbi e de pelota basca. Ingressou, posteriormente, na École Normale Supérieure, onde fez sua graduação em Filosofia (WACQUANT, 2002, p. 96).

De acordo com Jean-François Dortier, citado por Adriane Luísa Rodolpho (2007, p.7):

Lá, o jovem provinciano, acanhado e desajeitado, encontra-se imerso em um mundo que não é o seu. Um mundo de jovens burgueses brilhantes, bem falantes, cultivados, à vontade tanto no manejo do verbo quanto da pluma. O jovem Bourdieu, ele, ainda que tenha conseguido subir todos os degraus da hierarquia escolar, não se sente, entretanto, à vontade nem na escrita nem na oratória. E ele não o será jamais. Mesmo que sua obra seja imponente, ele não terá a pluma fácil e alerta; ainda que ele tenha feito centenas de conferências, ele não será um orador. Como Flaubert, a quem ele consagra As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário (Seuil, 1992) a expressão de seu pensamento deve passar pelo esforço permanente de autocontrole, de luta contra si mesmo. Todo o contrário da facilidade aparente desses estudantes oriundos da burguesia cultivada que ele encontra na rua de Ulm.

Pierre Bourdieu é considerado, segundo Moraes (2007), um dos mais importantes intelectuais do século XX, foi professor nas universidades mais conceituadas da França, como a Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, onde ele foi diretor, e também no famoso Colège de France.

Pierre Bourdieu instituiu uma sociologia que parte de uma praxiologia para construir o arcabouço teórico e metodológico de suas análises, isto é, uma sociologia da prática (ORTIZ, 1983). Neste sentido, entendemos que o autor está preocupado em compreender como se estruturam as relações sociais e como se formam e se mantêm as formas de dominação – que para ele sempre são de ordem simbólica e respectivamente de ordem objetiva.

Consoante ao exposto acima, é relevante destacarmos que tanto Bourdieu quanto Elias percebem como crucial para instituição de um projeto sociológico o reconhecimento do caráter relacional entre sujeito e estrutura (sociedade), rejeitando qualquer forma de essencialismo que restrinja o entendimento a apenas uma dessas categorias, ou seja, isoladamente.

Em suas contribuições teóricas e conceituais para a Sociologia, Bourdieu nos apresenta a sua Teoria dos Campos. Ela diz respeito à pluralidade dos aspectos que

constitui a realidade do mundo social, a pluralidade dos mundos, pluralidade das lógicas que correspondem aos diferentes mundos, aos diferentes campos como lugares onde se constroem sentidos comuns.

Compreender a gênese social de um campo e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não motivado os atos dos produtores e as obras por eles produzidas (BOURDIEU, 1998, p. 69). Entende-se, deste modo, que o campo é estruturado pelas relações objetivas entre as posições ocupadas pelos agentes e instituições, que determinam a forma de suas interações; logo, de acordo com Bourdieu, o que configura um campo são as posições, as lutas concorrenciais e os interesses imbricados neste ambiente social.

É no horizonte particular dessas relações de força específicas, e de lutas que tem por objetivo conservá-las ou transformá-las, que se engendram as estratégias dos produtores, a forma de arte que defendem, as alianças que estabelecem, as escolas que fundam e isso por meio dos interesses específicos que aí são determinados (BOURDIEU, 1996, p. 61).

Fundamentando-se no exposto acima, podemos entender que o conceito de Campo é justamente aquele que introduz entre as determinações socioeconômicas e culturais, alicerçadas numa produção simbólica de ideias ou de obras. pois, como demonstra Bourdieu, há em cada campo princípios de organização que são próprios deste campo.

É importante evidenciar que um campo faz parte do espaço social – e, portanto, toma dele as suas características – conceito que Bourdieu descreve como espaço de posições dos agentes e das instituições que nele estão situados, que, a depender do peso e do volume global dos capitais que possuem, são distribuídas em posições dominadas e dominantes. Nesse cerne, destacam-se os princípios norteadores, podemos assim dizer, do espaço social: os capitais econômico, simbólico e cultural.

De maneira resumida, a fim de elencarmos os elementos de capitais propostos por Bourdieu ao nosso foco de análise, o conceito de *Habitus*, é importante apresentarmos de forma breve e objetiva, os principais fundamentos que norteiam esses capitais. O capital econômico, por exemplo, encontra-se sob a forma dos diferentes fatores de produção (terras, fábricas, trabalho) e do conjunto de bens econômicos (dinheiro, patrimônio, bens materiais) é acumulado, reproduzido e ampliado por meio de estratégias específicas de investimento econômico e de outras relacionadas a investimentos culturais e à obtenção ou manutenção de relações sociais que podem possibilitar o estabelecimento de vínculos economicamente úteis, a curto e longo prazo.

Alinhado ao capital econômico, para Bourdieu (2011), a acumulação e aquisição são aspectos da dinâmica do capital cultural que estão associados entre si. Para ele, a acumulação inicial do capital cultural “só começa desde a origem, sem atraso, sem perda de tempo, pelos membros das famílias dotadas de um forte capital cultural”. Nestas famílias, o tempo de acumulação abarca praticamente todo o processo de socialização, o que significa um empreendimento prolongado de aquisição de capital cultural.

Conforme o autor, quando o grupo familiar assegura a seus membros maior tempo livre, estes podem dilatar o empreendimento de aquisição de capital cultural, adiando, por exemplo, a entrada no mercado de trabalho. Neste sentido, o capital cultural pode ser definido como aquisição de conhecimento adquirido ao decorrer da vida, sobretudo em ambientes institucionalizados, a exemplo da escola, angariando, assim, titulações acadêmicas que fomentam essa base de conhecimento que engendra o capital cultural.

Por fim, o capital simbólico está atrelado, podemos assim dizer, aos capitais econômico e cultural. Na perspectiva Bourdieusiana, as trocas estão fundadas nas relações objetivas (na posse de parcelas das diferentes espécies do capital), o que, para o autor, não é obstáculo ou impedimento para que um poder de “reconhecimento” atribuído a um indivíduo ou grupo dominado não possa se tornar um “capital simbólico” acumulado em outros cenários ou tempos da luta; no “campo”, a “legitimação de um poder se mensura pelo reconhecimento que lhe é atribuído” (BOURDIEU, 2011, p. 129). Em síntese, os agentes sociais são observados por meio de sua posição no espaço social, em que, por consequência de seu capital econômico ou cultural, são reconhecidos, prestigiados, legitimados, trazendo, assim, o que caracteriza um capital simbólico.

Assim, podemos concluir que a distribuição das espécies do capital funda a organização das posições no espaço social que, por sua vez, marcam proximidades entre os agentes, permitem ou promovem possibilidades, convergências, “compatibilidades” entre eles. Perpetuar ou subverter as “regras desse jogo”, por meio das estratégias dos agentes, é uma tendência que passa pela mediação de seus *habitus*.

Habitus é uma noção primordial na sociologia de Bourdieu, que diz respeito aos sistemas de percepção, de apreciação, de gosto, ou como princípios de classificação incorporados pelos agentes a partir das estruturas sociais presentes em um momento dado, em um lugar dado, que vão orientá-los em suas ações. Assim posto, o “campo” pode ser entendido como um conjunto articulado de posições que geram *habitus* e que sustentam as práticas de cada agente.

Em síntese, podemos perceber que tanto Norbert Elias quanto Pierre Bourdieu trabalham, em diferentes espaços temporais da Sociologia contemporânea, com o conceito de *Habitus*, evidenciando semelhanças sobre suas propostas no que se refere às relações sociais e fator indivíduo-sociedade, assim como conflitos de perspectivas sobre esse mesmo conceito.

Interessante notar, como bem explicam Silva e Cerri (2013, p. 177) que Bourdieu vem de origem humilde e alcança ainda jovem o topo da academia, enquanto Elias, que pertencia a uma classe média abastada, por uma série de fatores, somente conseguiu se estabelecer e ter reconhecimento na fase final de sua vida. Ambos possuíam formação inicial em filosofia e atribuíram às suas respectivas experiências, que envolviam guerras, à guinada para a sociologia. Em graus diferentes, influenciou suas trajetórias acadêmicas e contribuíram, por meio de suas observações, com o conceito de *Habitus*, o qual será aprofundado, relacionando os conflitos de perspectivas de ambos os autores, no tópico seguinte.

4. O *Habitus* em Elias e em Bourdieu: perspectivas conflitantes

Após uma descrição breve sobre Norbert Elias e Pierre Bourdieu, apresentando um pouco de suas histórias e perspectivas sociológicas, cabe-nos, nesta seção, analisar o conceito de *habitus* sob a ótica dos dois respectivos autores, a fim de destrincharmos os principais conflitos que permeiam esse mesmo conceito, uma vez que evidenciam ocupar posições distintas na teoria dos dois autores. É importante salientar, inicialmente, que não nos cabe trazer todos os elementos e explicações que compõem o conceito de *habitus* perpassado por eles, mas sim evidenciar os principais pontos conflitantes que os envolvem.

Déchaux, citado por Malerba (2011, p. 216), explica que ambos os autores oferecem uma distinção clara do papel do conceito de *habitus* em suas obras: reconhecem a noção de *habitus*, mas não lhe atribuem o mesmo lugar na análise. O grande diferencial pode ser visto como a contingência histórica.

Bourdieu, por exemplo, desconsidera a contingência histórica – diferentemente de Elias – cujo objeto é claramente histórico, genético; o *habitus*, por ser “estrutura estruturante e estruturada” para Bourdieu, faz com que nele se conceda um papel, senão ausente, meramente marginal à historicidade. Norbert Elias, por sua vez, trabalha uma teoria da civilização; estabelecendo e descrevendo o processo social.

Segundo Malerba (2011), para Elias, a pergunta que se coloca é: por que os *habitus* evoluem e se transformam? A orientação da sua sociologia é claramente genética: compreender e explicar a gênese do *habitus* humano. O próprio Elias afirma que “a psicogênese do que constitui o adulto na sociedade civilizada não pode, por isso mesmo, ser compreendida se estudada independentemente da sociogênese de nossa ‘civilização’” (ELIAS, 1994, p. 15).

Essa perspectiva aponta para o elemento central na teoria Elisiana, segundo a qual o ser humano se faz em interação, ficando evidente pensar o processo civilizador como uma interação coletiva que construiu o *habitus* de homens individuais concomitantemente com os *habitus* nacionais. A perspectiva de Elias não é a do “eu” isolado, mas a do “nós”, indivíduos que desde a infância assimilam e apreendem todo o controle mental e das pulsões que a civilização cultiva desde várias gerações e que, em dadas circunstâncias, nos causam vergonha ou embaraço.

Nota-se, então, que Norbert Elias se refere a *habitus* individual e a *habitus* social, dando uma “segunda natureza” como significado para este último. Assim, o *habitus* muda com o tempo porque a experiência de uma nação, ou de seus membros, está em processo contínuo de mutação, relacionada com os grupos sociais. Com isso, os grupos em posição superior, com o intuito de se distinguir dos outros grupos, criam novos padrões de comportamento, que com o passar do tempo, também são adotados pelos outros grupos. “[...] com o passar do tempo, os novos padrões de comportamento deixam de ser conscientes para tornarem-se uma segunda natureza – é a essa segunda natureza que se refere quando fala em mudanças na estrutura da personalidade” (LANDINI, 2007, p. 5-6).

Por isso, entende-se o conceito de *habitus*, em Elias, como uma contingência histórica, que se desenvolve por meio do processo civilizador, partindo de um ponto

de vista que determina que não estamos interconectados com outros indivíduos apenas de uma forma espacial, mas também temporal, tendo em vista a longa duração de gestação e maturação dos costumes e práticas sociais que incorporamos. Segundo Elias (2006), citado por Leão (2007, p. 20): embora os seres humanos não sejam civilizados por natureza, possuem por natureza uma disposição que torna possível, sob determinadas condições, uma civilização, portanto uma autorregulação individual de impulsos do comportamento momentâneo, condicionado por afetos e pulsões, ou o desvio desses impulsos de seus fins primários para fins secundários, e eventualmente também sua reconfiguração sublimada.

Partindo dessa premissa, entendemos que Elias traz uma sociologia configuracional para explicar o conceito de *habitus*, determinando a composição social dos indivíduos, como que constituem as características pessoais mediante as quais um indivíduo difere dos outros membros de sua sociedade. Para o autor, o indivíduo se apresenta como uma síntese complexa de seu contexto sócio histórico, dotado de uma configuração social exterior a ele e uma interioridade. Dessa forma, conforme Koury (2013) o *habitus*, a partir da sociologia configuracional de Elias, é visto como um espaço de interações e de redes intercomunicantes, em que as relações entre os indivíduos ocorrem sempre de maneira interdependente, e as identidades dos indivíduos se tornam pessoais e sociais.

Para explicar seu entendimento sobre o *habitus*, Elias (1994) se utiliza de metáforas didáticas, apresentando a ideia de dança de grupo para demonstrar que nele cada membro realiza os gestos e movimentos de forma combinada e sincronizada com os demais membros, se um destes membros atrasa ou adianta seus movimentos, toda dança é modificada, sendo assim, percebe-se que eles atuam de forma interdependente, por conta da dependência um do outro.

Para a dança e sua coreografia serem entendidas, os membros não devem ser vistos isoladamente, mas sim como partes de um mesmo conjunto, ainda que possuam características distintas. A maneira com que um membro da dança se comporta é determinada pelos demais que estão em sua mesma configuração social, mesmo o membro do grupo de dança possuindo autonomia para mudar a coreografia, ele não o faz (ELIAS, 1994).

Como podemos notar, a própria construção do que o Elias denomina por *habitus* assume uma dimensão que só pode ser compreendida perfeitamente quando entendida em um primeiro momento seu caráter processual e figuracional. A sociologia Eliasiana só se torna compreensível, como aponta Andrade (2019), quando entendido o que foi demonstrado no ponto defendido anteriormente: a partir de seu caráter relacional entre as estruturas de personalidade e a estrutura social, atrelada à sua dimensão processual. Isto é, a sociologia das figurações é uma sociologia que se ampara na história e nos seus desdobramentos com o objetivo de perceber as mudanças e reformulações, tanto mais amplas das figurações como mais específicas, encarnado na forma como essas figurações se organizam.

Neste primeiro ponto de análise, sob a ótica Elisiana, evidenciou-se que o respectivo autor tem uma visão de longo prazo nas sociedades, atrelando-se às configurações, e pretende explicar a constituição e surgimento dos *habitus* nessas longas durações,

enquanto se aprofunda na história buscando uma explicação na gênese dos acontecimentos. Diante disso, podemos apresentar, sob o prisma de Pierre Bourdieu, a sua perspectiva conflitante quanto ao conceito de *habitus*, concentrando sua análise na imutabilidade das estruturas sociais, mais especificamente em como se dá tal imutabilidade. Seu olhar enfatiza sobre o campo, privilegiando a relação entre os agentes que solidificam o *habitus*, centrando, assim, não numa contingência histórica, mas sim no presente.

Em Bourdieu, a relação dos conceitos de campo e *habitus* está no próprio enfoque do *habitus*. Para o autor, esse conceito seria: um sistema de disposições duráveis e intransponíveis que exprime, sob a forma de preferências sistemáticas, as necessidades objetivas das quais ele é produto. (...) constituído num tipo determinado de condições materiais de existência, esse sistema de esquemas geradores, inseparavelmente éticos ou estéticos, exprime segundo a sua lógica própria a necessidade dessas condições em sistemas de preferências, cujas oposições reproduzem, sob uma forma transfigurada e muitas vezes irreconhecível, as diferenças ligadas à posição na estrutura da distribuição dos instrumentos de apropriação, transmutadas, assim em distinções simbólicas (BOURDIEU; SAINT-MARTIN, 1976).

Para Ortiz (1983), Bourdieu está preocupado em entender como se estruturam as relações sociais e como se formam e se mantêm as formas de dominação – que para ele sempre são de ordem simbólica e respectivamente de ordem objetiva. Assim, percebemos que o *habitus* é percebido por meio de uma socialização, desenvolvido dentro de um espaço social, em que há relações entre os agentes que compõem essa estrutura. *Habitus* são princípios geradores que o homem carrega dentro de si, e que foram dados pelo meio social. O *habitus* é individual, mas ele se constrói no processo de socialização. (...) o capital social é o capital do *habitus*, em Bourdieu, são os bens simbólicos, aquilo que um indivíduo adquire ao longo de sua vida, como a tradição, o gosto pelas artes, etc. (SILVA, 2001).

O *habitus* na teoria sociológica Bourdieusiana tem como função assumir esse caráter relacional entre realidades individuais e a realidade exterior, trazendo a necessidade de entender a relação entre indivíduo e sociedade. Diante dessa premissa, o *habitus* é percebido como uma estrutura estruturante e uma estrutura estruturada (BOURDIEU, 1989).

O *habitus* para Bourdieu seria, então, a incorporação das estruturas sociais em um indivíduo ou em um determinado grupo. Esse *habitus* é adquirido de acordo com a posição social do indivíduo, de acordo com o campo em que está inserido, e que permite ele formar posições sobre os diferentes aspectos da sociedade.

Segundo Bourdieu, “o *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em conjunto unívoco de escolhas, de bens, de práticas.” (BOURDIEU, 1996: 21). Ele fomenta:

O *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintas – o que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem siste-

maticamente do consumo ou das atividades correspondentes ao do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem a diferença entre o que é o bom ou é mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar, etc., mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro (BOURDIEU, 1996, p. 22).

Assim, entendemos que o *habitus* estabelece a ligação entre a sociedade e o indivíduo, onde estão fundidas as condições objetivas e subjetivas. Como apontado por Setton (2002), *habitus* surge então como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre a realidade exterior e as realidades individuais. Capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades. *Habitus* é então concebido como um sistema de esquemas individuais, “socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano” (SETTON, 2002, p. 63).

Consoante ao exposto neste devido tópico, pudemos notar que o conceito de *habitus*, presente em Norbert Elias e Pierre Bourdieu, com suas devidas contribuições, traz pensamentos distintos em alguns momentos. A figuração de Elias, por exemplo, valoriza o elemento histórico, o efeito das longas durações na constituição do *habitus*, enquanto o conceito de campo que Bourdieu leva menos em conta, uma vez que ele centrava sua atenção em elementos da estrutura e as relações sociais desenvolvidas pelos agentes sociais dentro de suas posições no espaço social. Para Elias, o desenrolar dos fatos do passado tem um papel crucial na rede de relações e na formação da personalidade dos agentes envolvidos, enquanto Bourdieu foca no presente para evidenciar e explicar o relacionamento e desenvolvimento entre estrutura e agência.

5. Conclusões

Após análises das principais perspectivas conflitantes sobre o conceito de *habitus* em Norbert Elias e Pierre Bourdieu, podemos considerar que a utilização, em conjunto, das ferramentas teóricas propostas pelos dois estudiosos pode nos ajudar a compreender a conjuntura de um determinado objeto/fenômeno. Tanto Elias quanto Bourdieu não concebem o objeto da sociologia enquanto categorias independentes – indivíduo e sociedade –, o *habitus*, em ambos, é um exemplo disso.

Podemos explicar que o *habitus* nos dois autores destacados no presente estudo é um conjunto de valores que é socializado em grupo, mas que age de formas específicas nos sujeitos individuais, sem fazer com que o seu caráter social – isto é, coletivo – seja perdido. O *habitus* em Norbert Elias, por exemplo, adquire uma dimensão mais macrosociológica, uma vez que o autor sempre está associando-o ao caráter nacional

de um povo, enquanto Pierre Bourdieu traz essa dimensão ao mesmo tempo macro e microsociológica, pois um conjunto de valores ligado a um conjunto de campos de ação, conceito bastante fomentado pelo autor, é existente em sua perspectiva analítica.

Enquanto que em Bourdieu o *habitus* é incorporado pelo agente ao longo de sua trajetória no interior de um ou mais campos – onde as regras específicas do campo o qual o agente faz parte é internalizada – em Elias, o *habitus* é absorvido por meio da participação do indivíduo numa dada figuração social. Consoante isso, podemos fomentar que a sociologia de Bourdieu é caracterizada num aspecto de poder (principalmente o simbólico), de como ele é constituído e desigualmente repartido entre os grupos sociais. Já a de Elias é uma sociologia processual, uma vez que objetiva compreender, a partir das relações entre indivíduos e grupos, o devir histórico.

Evidenciou-se, então, que Bourdieu sempre se dedicou a temas com delimitações menos temporais, focando em estabelecer teorias diferentes, permitindo categorizar o conceito de *habitus* como “capital cultural incorporado”, sedimentando a relação entre os agentes no campo e possibilitando a realização de análises que envolvessem diversos aspectos na vida cultural e social; Elias, por sua vez, demonstra seu interesse em destacar processos civilizatórios, trazendo em sua gênese uma busca de entendimento sobre a constituição deste mesmo conceito.

Por fim, perante o que pudemos analisar, concluímos que levar em conta as características que Norbert Elias e Pierre Bourdieu agregam ao conceito de *habitus*, com suas semelhanças e diferenças, em gerações distintas, torna a investigação sociológica mais rica e dinâmica no que se refere à realidade social.

Referências

ANDRADE, Ícaro Y.F de. Habitus e processos sociais: Revisando as teorias de Pierre Bourdieu e Norbert Elias. *Revista Abordagens*, João Pessoa, v. 1, n. 1, jan./jun. 2019.

ALTMANN, Eliska. Tipificação, habitus e interdependência: emblemas para um debate sociológico. *Ciências Sociais Unisinos*, v. 41, n. 3, p. 143-150, 2005.

AREAIS, Helena; MARQUES, Ana Paula. Redes e reconfiguração organizacional: o contributo de Norbert Elias. *Configurações. Revista de Ciências Sociais*, n. 9, p. 37-56, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Deifel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2011.

BOURDIEU, Pierre; SAINT-MARTIN, M. *Gostos de Classe e estilos de vida*. Actes de la recherche en Sciences Sociales. n. 5, 1976.

CERRI, Fernando Luis; SILVA, José Alexandre. Norbert Elias e Pierre Bourdieu: biografia, conceitos e influências na pesquisa educacional. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 14, n. 26, jan./jun. 2013. p. 171 – 198.

CESARINO, Frederico Nicolau. O pensamento sociológico do século XX: as sociologias de Talcott Parsons, Norbert Elias e Erving Goffman. *Revista Pós*. v. 11, n. 1, p. 351-370, 2012.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. *Escritos e Ensaios 1. Estado, Processo, Opinião Pública*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ltda., 2006.

KOURY, Mauro G. P. Emoções e Sociedade: um passeio na obra de Norbert Elias. *História: Questões & Debates*. n. 59, p. 79-98, 2013.

LANDINI, Tatiana Savoia. *A Sociologia de Norbert Elias*. BIB. n. 61, p. 91-108, 2006.

LANDINI, Tatiana Savoia. *Jogos habituais – sobre a noção de habitus em Pierre Bourdieu e Norbert Elias*. X Simpósio Internacional Processo Civilizador. Campinas, 2007. Disponível em: http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais10/Artigos_PDF/Tatiana_Landini.pdf. Acesso em: 30 set. 2012.

MALERBA, Jurandir. **Ensaio: teoria, história e ciências sociais**. Londrina: EDUEL, 2011.

MORAES, Ulisses Quadros de. Pierre Bourdieu: campo, habitus e capital simbólico um método de análise para as políticas públicas para a música popular e a produção musical em Curitiba (1971-1983). **Anais**: V Fórum de Pesquisa Científica em Arte. p. 180-192, 2007.

ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu: sociologia I**. São Paulo: Ática, 1983.

RODOLPHO, Adriane Luísa. Pierre Bourdieu: notas biográficas. **In**: Protestantismo em Revista. *Revista Eletrônica* do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia, Volume 14, set.-dez. de 2007 – ISSN 1678 6408.

SETTON, Maria da Graça. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **In**: Revista Brasileira de Educação, n. 20, p. 60-70, agosto de 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05>

SILVA, José Alexandre; CERRI, Luis Fernando. Norbert Elias e Pierre Bourdieu: biografia, conceitos e influências na pesquisa educacional. **Revista Linhas**. v. 14, n. 26, p. 171-198, 2013.

SILVA, Priscila L. Ludovico da. **O Conceito de habitus em Elias e Bourdieu**. Universidade Federal do Paraná. 2001.

